



Automedicação numa cidade do norte de Portugal



Isabel C. Pinto (1)*, Joana Coelho (1), Ana Teixeira (1), Carlos Bernardo (1), Cristina Vaz(1)

(1) Departamento de Tecnologias de Diagnóstico e Terapêutica, Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Bragança.
*isabel.pinto@ipb.pt

Introdução

A automedicação é definida como o consumo de um medicamento sem orientação ou prescrição de profissionais competentes, no qual o próprio paciente decide o produto que será utilizado ¹, podendo ser realizada com produtos industrializados ou remédios caseiros ^{1,2}.

Objetivo: Determinar a prevalência e a frequência da automedicação; caracterizar a terapêutica usada, motivos, averiguar a comunicação ao médico, a ocorrência de efeitos indesejáveis e o conhecimento sobre os riscos; bem como determinar fatores associados à automedicação.

Material e Métodos

O estudo realizado foi do tipo transversal e descritivo-correlacional. Nele participaram 330 indivíduos residentes em Bragança, 57,0% do sexo feminino e 43,0% do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 18 e os 88 anos (média 41,3).

A recolha de dados foi realizada através de um questionário de autopreenchimento. Na análise estatística aplicaram-se medidas de tendência central e de dispersão, e o teste do qui-quadrado considerando o nível de significância de 5%.

Resultados

Recorrem com mais frequência ao **Paracetamol** e ao **Ibuprofeno**, sendo as **cefaleias** e **constipações** os principais motivos.

Dos indivíduos que se automedicam, 52,1% admitem **informar o seu médico** dos medicamentos não prescritos que utilizam e 83,0% afirmaram não ter notado a ocorrência de **efeitos indesejáveis**.

Da totalidade dos indivíduos inquiridos, 88,2% afirmam que a automedicação constitui algum tipo de **risco** para a saúde.

O **género** e a **escolaridade** parecem estar associados à automedicação (Tabela 1).

Tabela 1 – Características sociodemográficas dos participantes do estudo.

Fator	Participantes		Recurso à Automedicação				p
	n	%	n		%		
			Sim	Não	Sim	Não	
Género							
Feminino	188	57,0	180	8	95,7	4,3	<0,001
Masculino	142	43,0	109	33	76,8	23,2	
Escolaridade							
Não sabe ler/escrever	8	2,4	6	2	75,0	25,0	0,01
1º ciclo (4º ano)	44	13,3	44	0	100,0	0,0	
2º ciclo (6ºano)	6	1,8	6	0	100,0	0,0	
3º ciclo (9º ano)	22	6,7	17	5	77,3	22,7	
Secundário	100	30,3	81	19	81,0	19,0	
Ensino superior	150	45,5	135	15	90,0	10,0	
Situação Profissional							
Estudante	52	15,8	42	10	80,8	19,2	0,203
Empregado	183	55,5	165	18	90,2	9,8	
Desempregado	49	14,8	44	5	89,8	10,2	
Reformado	46	13,9	38	8	82,6	17,4	

Resultados

Verificou-se que a prevalência da automedicação foi de 87,6%, dos quais 78,2% afirmam tê-lo feito no último ano; a maioria (81,2%) afirma automedicar-se apenas algumas vezes por ano, havendo uma minoria que o faz diariamente (0,9%) (Gráfico 1).



Gráfico 1 – Frequência de Automedicação.

Conclusões

A automedicação é bastante prevalente, mas pouco frequente ao longo do ano. Os analgésicos e anti-inflamatórios são os medicamentos mais usados, devido a dores de cabeça e constipações.

Apenas cerca de metade dos indivíduos que se automedicam informam o médico, e a maioria não sentiu efeitos indesejados.

A automedicação é considerada como perigosa para a saúde e parece estar associada ao género e escolaridade.

Referências

- [1] Brito EG. AUTOMEDICAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE: uma revisão de literatura. Fundação Oswaldo Cruz, centro de pesquisas Aaggeu Magalhães, 2010.
- [2] Filho AIL, Uchoa E, Guerra HL, Firmo JOA, Lima-Costa MF. Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambu. Rev Saúde Pública, 36(1):55-62., 2002.